

Fernando Colman Moreira
de Carvalho.
182 - Conde do Bomfim - 182
Lente.

Fernando Colman

ANNO I

S. João d'El-Rei, 27 de Setembro de 1885

N. 2

O DOMINGO

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE
S. João d'El-Rei

PARA A CIDADE
Anno 68000
Semestre 38000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno 68000

Escriptorio e officinas — Rua do Duque de Caxias, 54

SUMMARIO

Expediente; *O Domingo*; 28 de Setembro.—*Jorge Rodrigues*; Rio Branco e Saraiva—*José Braga*; Imitação—*R. Os nossos collegas*; Collaboração; —(*Sully-Proudhomme*) versos—*S. Através da politica*—*G. Na rua e em casa*—*B. Pleno dominio*, soneto—*Jorge Rodrigues*; Mulher—*C. Lambrequins*; Recados; —*Lili*, soneto, —*Romeu Alegre*; Ruínas, soneto, *Silva Tavares*; Morte ao tempo—*Sorpreza*; —*Dr Reclame*, Annuncios

EXPEDIENTE

São correspondentes: —*Em OURO-PRETO*, ALFREDO GUERRIER; na VICTORIA, ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES JUNIOR; no RIO-NOVO, CANDIDO VIRGLIO DE ALBUQUERQUE; com os quaes poderão se entender os nossos assignantes d'essas cidades.

O DOMINGO

S. JOÃO D'EL-REI, 27 DE SETEMBRO DE 1885.

Não nos enganavamos quando cheios de animadora confiança publicamos *O Domingo*, appellando para os espiritos esclarecidos, para as intelligencias cultas, para os nobres caracteres, que o não haviam de repudiar depois de conhecer os intuitos louvaveis e despretenciosos de seus obscuros redactores.

O nosso primeiro numero foi recebido com benevolencia extrêma; obteve uma acceitação superior a que tinhamos previsto e isto nos concita a proseguir com enthusiasmo na carreira encetada, e nos obriga a empregar maiores esforços no sentido de manter e honrar as sympathias com que nos distinguiram os generosas filhos desta terra.

O numero dos nossos assignantes augmentou sensivelmente e outras demonstrações recebemos de uma bõa-

vontade geral, que nos encheram de jubilo e de reconhecimento.

Este proceder dos São Joanenses hade robustecer-nos o animo na pugna renhida, que temos de sustentar com os inimigos da luz...

Sentimo-nos bastante alentados pelo favor publico e esta circumstancia nos proporcionará meios de aperfeçoar o nosso programma, porque o caminhar desassombrado é que dá lugar a um fortalecimento necessario ao progresso das iniciativas.

28 de Setembro

Manhã é a data gloriosa do anniversario de uma lei, que figura como brilhante pagina no livro dos altos feitos politicos deste paiz.

Mais do que o dia merece o dia 28 de Setembro as nossas saudações entusiasticas, as nossas mais vivas congratulações.

Aquelle relembrava o brado de uma independencia—que não trazia ainda consigo a ambicionada liberdade; este traduz a primeira victoria de uma nobre aspiração nacional e a prova eloquente da grande generosidade do coração brasileiro, cujos sentimentos, interpretados pelo valente e patriotico estadista Visconde do Rio Branco, fizeram vingar uma lei imposta pelas mais sublimes determinações da Fraternidade.

O dia 7—entristeceu, por que elle faz meditar na inutilidade da exclamação de Pedro I, que se almejava a independencia... do throno, e a morte... da autonomia popular; o dia 28 de Setembro—desperta expansões alegres de um intimo e ineffavel contentamento—por que marca o anniversario de uma decisão, queja restituir a liberdade ás novas gerações de uma raça inditosa, que iniciava—no unico

paiz da America onde se estende a macula infamante do captivo— a obra sagrada da Redempção, cujo advento, tardio embora, ainda hade trazer glorias e benções, prosperidade e engrandecimento para o Brasil, que tem sido berço de tantos verdadeiros apóstolos da liberdade.

Recordando esta brilhante data, *O Domingo* rende todas as homenagens á memoria do eloquente tribuno, do adiantado estadista, do grande coração generoso, do patriota convicto e desinteressado, de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, em cujo tumulo a patria ainda hoje se debruça, pranteando saudosa a perda de tão illustre filho, e cujo nome ainda perpassa, como sagrada palavra de uma prece consoladora, nos labios dessa porção enorme de mãis escravas, que já podem confiar no futuro de seus filhos...

Gloria ao VISCONDE DO RIO BRANCO!

JORGE RODRIGUES.

Rio Branco e Saraiva

Contra todas as regras que regem as evoluções sociologicas, determinando que seja o progresso a resultante do progresso, e o fim a consequencia dos meios habilmente empregados, apresenta-nos o Brazil um exemplo contradictorio: — a crueldade e a oppressão seguindo-se a um acto humanitario!

Os espiritos adiantados, que viram em 1871 triumphar o projecto *Rio Branco*, exultaram de certo, porque iniciava-se a propaganda de uma idéa nobre, que devia transformar em homens livres milhões de creaturas humanas, que haviam sido arrancadas á Africa e convertidas em alimarias de trabalho!

A' liberdade dos nascituros deveria seguir-se a libertação daquelles que, tendo nascido livres, gemiam, contudo, nas gargalheiras da escravidão.

A causa da justiça devia succeder á da Humanidade.

Pensaram elles que, á semelhança de um incendio, que, habilmente localisado, tende a extinguir-se, por falta de elementos combustiveis, a escravidão, circumscripção pelas leis de 1831, e 28 de Setembro de 1871, seria em breve riscada do Brazil, que parece fadado pela Natureza para ser habitado por um povo completamente feliz.

Enganaram-se, porem !

Quatorze annos depois, apesar de preparados os espiritos por uma propaganda energica e constante, devia discutir-se um projecto de lei, que parece propositalmente elaborado para ser a antithese do outro.

O primeiro protege o escravo desde o berço e o segundo persegue-o até o tumulo !

Em Setembro de 1871, Rio Branco conseguia a promulgação da lei que considerava livres os nascituros da mulher escrava; e hoje, em Setembro (!!) de 1885, tracta-se de converter em lei um projecto que impede a libertação dos sexagenarios.

Um protege a infancia e outro persegue a velhice.

Dir-se-ia que o bando dos oppressores de uma raça inteira, sendo acosado das circumvisinhanças do berço, assenta seus arraiaes nas cercanias do tumulo.

Para Rio Branco os escravos eram homens, que, sujeitos a outras condições de meios, tornar-se-iam cidadãos que poderiam mais tarde concorrer para o engrandecimento d'este paiz; e para Saraiva não passam de automatos aperfeiçoados a que não enfraquecem os rigores do tempo e que são inacessiveis ás fadigas de um trabalho penoso !

A pelle preta foi considerada pelo primeiro como um accidente, e pelo segundo como o indicio de uma organização especial, que o cito, o tronco e a atmospheria pestilenta das senzalas não conseguirão abater.

E' o coração que fala em um e o calculo que dicta leis ao outro.

Foi, pois, considerada sob dous pon-

tos de vista diametralmente oppostos a mais importante das questões que se teem aventado no paiz; e, ao contrario do que prescreve a ordem natural das cousas, a solução que se procurou dar ha 14 annos, tem a primasia sobre a que se discute actualmente.

E' o mais eloquente desmentido, que se pode dar á formula do progresso enunciada por Pelletan :

« *Le monde marche* »

JOSÉ BRAGA.

Imitação

A nova orientação que a litteratura Brasileira segue de algum tempo a esta parte, vai desviando-a do luminoso caminho traçado pelas suas tradições gloriosas

O esforço de subir pelo merecimento das concepções proprias; a elaboração progressiva mantida pela propria autonomia, sem auxilio obrigado de postizas bellas apañadas em obras de alheios climas; os elementos mais fortes, os mais necessarios a cercos da sua prosperidade, vão sendo esquecidos por um numero não pequeno de batalhadores de quem as letras patrias esperavam defesa pertinaz e dedicação constante.

O entusiasmo pelos modelos ameaça sobrepujar tudo e a tudo aniquillar.

Os velhos generaes amestrados vivem, com poucas excepções, retrahidos, silenciosos, num desanimo inexplicavel. Nenhum produz um livro, raros escrevem um artigo para a imprensa. Guardam a illustração, o fructo de longos annos de estudo, de observação e de saber, como os aváros os seus thesouros inuteis. . .

A nova soldadesca impetuosa, audaz, entusiastica, achou livre o campo e foi surgindo, animada por suas aspirações nobres e justas, ambiciosa de triumphos, excitada pelas tendencias naturaes da idade, que procura os ardores da lucta, porque fascina-a a doce embriaguez da victoria.

Sem directores mais praticos que estivessem dispostos a encaminhalos pela melhor vereda, foram trilhados por si novos atalhos. Encontraram um guia facil, mas um guia perigoso por que é, as vezes, traidor: — a imitação.

Imitar ! é o verbo animador de uma grande phalange dos nossos escriptores modernos, o lemma consagrado, o IN HOC SIGNO VINCES da maior porção dos nossos poetas, dos nossos romancistas, de alguns criticos talentosos—entre os poucos que temos. Imitar tudo e por tudo e, o que ainda é peor, imitar mal, como fazem muitos delles, sem habilidade, sem geito, esquecendo até, muitas vezes, as simples modificações precisas ao adaptar modas estranhas num meio differente em condições de gosto, de tendencias, de habitos, de adiamento intellectual. . .

Uma verdadeira calamidade.

A codificação da nossa republica litteraria, pode-se dizer, sem demasiado exagero, resume-se nisto: — O que a França indica, o que Lisboa adopta.

Eu estimaria bastante—como um atrazado provinciano que sou—ouvir alguém que me tirasse dessa convicção e me provasse criteriosamente e com sinceras disposições,—que estou labutando em erro.

Nessa especie de anarchia de espiritos, que produz a repressão obrigada da espontaneidade natural da intelligencia, da imaginação,— até a verdade soffre ingratos revêzes, a justiça é sacrificada, esquecido o amor proprio, o patriotismo—desprezado.

Applaudese Zola, exalta-se a MORTE DO PADRE ETERNO, proclamam-se AS BLASPHEMIAS e pouco se fala nos poemas de Magalhães, nos romances de Alencar, morre quasi no olvido Bernardo Guimarães, e não se elevam á altura que merecem os CANTOS de Gonçalves Dias, o poeta glorioso, que soube crear a verdadeira poesia—nacional... Portugal festeja o conde de Oeiras, aquelle a quem « a Historia para vingar a Justiça levantou um patibulo » e nós vamos, inconscientes, saudar

tambem ao grande despota, que a posteridade amaldiçoou.

—E, no entanto, o centenário de S. Rita Durão passou despercebido, numa fria indiferença vergonhosa.

Esquecem-se os que imprimem hoje a direcção litteraria do paiz, de que nós já podemos ter alguma vida propria, que devemos ter-a e que só precisamos de um pouco de amor ao estudo e de um pouco de interesse pelo abençoado torrão onde nascemos, para nos emanciparmos desse triste servilismo litterario, que é todo o nosso atraso intellectual, como a escravidão dos negros é todo o nosso atraso social.

As leis da evolução imperam e sobrepujam os obices do carrancismo pelo impulsionar constante dos espiritos cultos, independentes, que — respeitando em parte as tradições — abrem horisontes largamente luminosos, sem o auxilio exclusivo dos exemplos, das prescripções do estrangeiro.

Cumpra lutar com alguma confiança no proprio valor, para que a inferioridade na luta não traga de zarar que amesquinhe.

Eu, quando falo contra a imitação — entenda-se — é contra a imitação á OUTRANCE, sem reservas, sem pudor, de tudo que nos vêm DE FORA.

Não desejo censurar aos nossos escriptores por se darem ao trabalho da litteratura reflexo.

A grande expansividade harmonica da civilisação do mundo, torna as litteraturas reflexos umas das outras.

Antes da telegraphia, das estradas, de ferro, da imprensa, dos vapores — dizia Lopes de Mendonça — já Corneille e Molière se tornavam REFLEXOS da litteratura hespanhola: — Marini creava o gongorismo em Hespanha e, pelo contagio, em Portugal; a Inglaterra, a nação original, a patria de Milton, de Shakspeare, com Dryden, Addison, Pope e outros — tornou-se tambem reflexo de diversas litteraturas.

Sabe-se perfeitamente que as litteraturas « procuram enriquecer-se em certas origens e procuram se apropriar rapidamente do espirito, da substancia, que as outras na-

ções periodicamente elaboram » — mas, essa influencia deve actuar sobre o talento individual ao ponto de esquecer-se tudo o que de bom, de glorioso, de bello e de sagrado encontrar-se no paiz natal, e aproveitar-se apenas das licções que os europeos exportam ?]

E' contra esse exclusivismo que clamamos todos nós, os que enxergamos em nossa patria elementos precisos para produzir muita cousa de seu.

Talvez que esta falta de originalidade, de merecimento proprio, seja a causa dessa decrepitude precoce, que parece ameaçar a nossa litteratura, que ufana podia se ostentar entre as pomposas grandezas triumphaes deste solo bendito.

Obscuro, desconhecido combatente das ultimas fileiras dessa mocidade, que luta e que ambiciona como ideal suprêmo a elevação da patria querida a altura das primeiras nações do novo mundo, eu levanto o meu brado de alerta aos lutadores mais fortes, para se esforcarem no intuito de salvar do abatimento, que ameaça opprimil-a, a nossa litteratura.

E o primeiro embaraço que a sua restauração encontra e que se precisa remover é, incontestavelmente — imitação — que vai se accentuando entre nós como um habito inveterado.

Intentem os escriptores laureados, os provecos competentes, o inicio da propaganda benefica.

Podemos confiar desassombrados porque ha no Brazil muitos talentos possantes, que prestarão animador auxilio á obra grandiosa da nossa emancipação intellectual.

« As nações não expiram, quando o genio não morre. . . »

R.

Os nossos collegas

Apresentamos expressões cordiaes de profundo agradecimento pelas delicadas e imerecidas referencias que á nossa folha dirigiram illustrados

collegas da cõrte e desta provincia.

O Paiz, diario redigido pelo principe do jornalismo brasileiro, por um dos nossos escriptores mais criteriosos e mais circumspectos — Quintino Bocayuva — diz relativamente ao nosso periodico :

« Sob o titulo *O Domingo*, foi distribuido antehontem, em S. João d'El Rei, o primeiro numero de um bem escripto hebdomadario, de que são redactores os Srs. Jorge Rodrigues e José Braga.

Pelo seu programma « será folha exclusivamente litteraria, recreativa, de leitura facil e interessante, que distrahira aos seus leitores offerecendo-lhes ao mesmo tempo alguma cousa proveitosa. »

Que cumpra esse programma tão excellentemente como o inciou, é o que lhe desejamos com os cumprimentos que dirigimos á sua redacção. »

Sentimos não dispor de espaço, para transcrevermos tambem o que mais amplamente escreveram a nosso respeito os distinctos collegas do *Arauto de Minas*, o *Pharol*, de Juiz de Fora, *Provinciano* e outros, que nos têm honrado com palavras de grande animação e de fraternal benevolencia.

Fal-o-emos nos seguintes numeros para significar o apreço, que nos merecem os illustres confrades e a gratidão, que nos inspira a recepção benevola dispensada ao modesto *Domingo*.

Collaboração

Entre os escriptores distinctos, que promettem honrar-nos com a sua collaboração, temos o prazer de annunciar aos nossos leitores, que estão incluídos os drs. Washington Badaró e Constantino Paletta, advogados em Juiz de Fora e que tão laureados foram sempre na imprensa academica de S. Paulo, de onde trouxemos as mais gratas recordações do elevado talento e da brilhante imaginação de ambos.

Accusando o convite, que amistosamente lhe dirigimos, respondeu-nos Washington Badaró com as expressões seguintes, que não resistimos ao desejo de transcrever aqui.

« Eu e meu collega Dr. Constantino Paletta estamos promptos a prestar ao *Domingo* nosso fraco concurso, apesar da exiguidade ou antes nullidade

de merito, que possa doiral-o em face do relevo que a *O Domingo* imprimirá a sua illustrada redacção.

Em nossa provincia, infelizmente, o jornalismo tem se manifestado longe da posição que as forças da instituição poderiam tecer-lhe.

Em alguns órgãos predomina o mercantilismo; em outros a effervescencia politica, sempre apaixonada, por isso mesmo esteril de bons effectos sociaes.

A *illustração popular*, unico objectivo da imprensa consentaneo com sua natureza, tem sido posta em larga contempção: e, por minha parte, só sei de raros periodicos, que o aspiram, em centros escolares ou academicos, onde menos sensível seria a inexistencia de órgãos, que tão de perto comprehendessem seu verdadeiro destino.

Por esta razão, jubilo-me por saber que o programma d'*O Domingo* afastou-se da generalidade da imprensa brasileira para cahir em uma singularidade coonestante—a de collocar-se no caminho da verdadeira representação do espirito popular, cultivando-o, conduzindo-o, injectando-lhe rectidão e energia, mediante irrigações de justiça e bom senso.

Estou, portanto, com o meu collega, aos serviços d'*O Domingo* e procuraremos — nós ambos — não deixar morrer a boa vontade, que nos infiltra a tendencia promissora do novo jornalmineiro.

De V. etc. — *Washington Badaró.* »

De um dos nossos mais distinctos collaboradores, tão illustrado quanto modesto, recebemos a delicada traducção da bellissima poesia de Sully—Proudhomme, que em seguida publicamos.

Agradecendo a amabilidade da offerta, esperamos merecer do despretencioso S. a continuação do grande auxilio de seu luminoso talento e de seu estro brilhante e feliz.

(DE SULLY—PROUDHOMME)

Labios que queiram se unir.
A força d'arte e constancia,

Té contra o tempo e a distancia,
Podem sempre o conseguir.

Sempre se abrem estradas:
Aguas, montes, ermos cedem,
As jornadas se succedem,
E as horas chegam contadas,

Mas o que retarda o exilio
Mais que a agua, a rocha, a areia,
E' um fortissimo impecillo,
Delgado qual uma teia.

E'a honra: não ha trama
E esforço que a vençam, não,
Porque oppõe ao coração
Ô que elle d'ella reclama.

Bem sabeis si ella é exigente,
Pobres pares d'alma altiva,
Que o horror da macula priva
Da ventura unicamente.

Com o abysmo face a face,
No fundo d'alma cumpris,
Como grade que o vedasse,
As ordens d'esse juiz.

Que martyrio é o vosso, amantes
Peregrinos: quanto mais
Os corações conchegais,
Mais elles se acham distantes.!

Quanta vez sentis, rugindo
Sob um desceio glacial,
O desespero, servindo
Na mascaragem social!
E quanto grito contido!
Quanto soluço cortado!
Na indifferença envolvido,
Quanto heroismo ignorado!

Ao mais impune transporte
Preferis lucto sublime,
E vossos labios, no crime
Nem pode uni-los a morte.

S.

Através da politica

Costei de vêr o Sr. Cotegipe na sessão de 22 lembrar que a discussão da prorogativa do orçamento devia ir até quatro horas da tarde.

O propecto estadista comprehendeu que os seus velhos companheiros não querem entrar em ferias sem papaguear um pouco e um pouco mais á vontade.

E' natural, de resto. D'aqui a pouco interrompe-se-lhe o gozo d'aquelle lugarzinho confortavel e vitalicio e, durante uns mezes, os encanecidos representantes da escolha... imperial, não acharão facilmente um lugarzinho curul e commodo para ajustarem contas, uns com os outros, para deitarem queixumes, verberarem adversarios e manterem, de vez em quando, dous dedos de prosa cordial e chã a respeito de alta politica... local.

Nesse mesmo dia e lugar queixou-se tambem o Sr. Dantas das desordens que perturbam o socego publico e bahiano da terra de S. Ex., pimentas e vatapás respectivos.

Ha ameaças de vida e a «hydra da reacção» faz, acontece, mata, esfolia...

E' possivel que não se realize positivamente uma hecatombe, mas, o Sr. Cotegipe prometteu tomar providencias.

Compreende-se, — a Providencia dos officios, e telegrammas—ahi está prompta para tudo, e mais alguma cousa que fôr mister.

— Quando entrou em terceira discussão o projecto da extincção gradual do elemento servil, pediu a palavra o presidente do conselho. Isto surpreendeu algum tanto.

O governo, que via silencioso e que do as mais rijas estocadas vibradas contra o inditoso, que perfilhára misericordiosamente; o governo, que, dirigido pelo espirito eminentemente brilhante e trocista do Sr. Cotegipe, resolvera oppôr à torrente impetuosa e forte da mais valorosa opposição apenas as contestações especulativas [do Sr. Prado; o governo, que aceitára para o «monstro» a victoria que prejudicaria o parlamento brasileiro no conceito dos estrangeiros que acompanharam a questão,—ia dizer, julgou nessessario dizer mais alguma couza!

Effectivamente, era para surpreender.

Agora, nós, que nos impuzemos a obrigação de apreciar os politicos com imparcialidade, apenas com um interesse muito mediato em tudo isso, temos de declarar ao Sr. presidente do conselho—aliás um valente tribuno e um habil argumentador,—que não combateu minuciosamente, nem com vantagem, a argumentação poderosa dos precedentes oradores, contrarios

ao tal projecto e que o feriram de frente, tirando-lhe a força, deixando-lhe somente a vida ephemera, ficticia, mantida por magico phenomeno de certos conluios reprovaveis...

O honrado ministro tocou muito a escorço, sobre um ou outro ponto do que disseram seus adversarios, quando elles analysaram com uma elevação de vistas, com uma firmeza de convicção, que bem merecia da parte de S. Ex. uma resposta mais ampla, mais forte na defeza, mais elevada nos conceitos, mais satisfactoria nas razões aduzidas.

E' que não se torna mui facil a sustentação de um projecto que substancia um ataque á Liberdade, um exemplo deshumano de aversão ao altruismo, um desamor criminoso á causa sublime e santa da Redempção.

Osr. Cotegipe empregou todos os recursos valiosos de sua grande habilitade diplomatica, de sua tactica parlamentar, tergiversou nuns pontos, noutros resvalou, e concluiu aquella replica por atacado, *pedindo* como necessaria uma approvação, que... já possuia a certeza de obter.

A combinação hade surtir o seo effeito.

—A camara baixa ja está no goso da... dissolução. Ha que tempo não se reu-nem os illustres representantes!

Grande numero d'elles já demandou as plagas nataes. Cuidar na vida... que a eleição é certa.

G.

Na rua e em casa.

O homem, por menos dissimulado que seja, tem duas phisionomias perfeitamente distinctas, dous traços caracteristicos que difficilmente admittiriamos reunidos em um mesmo individuo, si a isso não nos obrigasse a irresistivel logica dos factos. Na rua, na convivencia com estranhos, sentindo-se observado pelos cem olhos do Argus social, o homem é amavel, attencioso; tem a palavra sempre prompta para elogiar a indifferentes ou para lamentar a morte de um individuo de que ouve falar

pela primeira vez ou de quem o afastava invencivel antipathia.

Em casa, como si o transformasse rapidamente a VARINHA de alguma fada malfazeja, torna-se grosseiro, intractavel; nega elogios a quem os merece e emite muitas vezes a respeito de um morto opiniões que, divulgadas, modificariam radicalmente o systhema pelo qual se fazem as biographias em nosso paiz.

O homem na rua é a antithese do homem em casa. Si na rua recebe affavelmente aos portadores de subscrições, em casa detestados, chama-os de ladrões e diz que seria capaz de enforcal-os um por um sem a minima parcella de compaixão.

Si dá esmolos na rua, nega-as em casa abertamente, clamando contra a pobreza que o empobrece.

Bom pai de familia nas RODAS que frequenta, falando da esposa como de um anjo, narrando a sorrir as diabruras dos pequenos; e em casa censurando com aspereza a mais insignificante das faltas da consorte e gritando contra os filhos que o atormentam com suas travessuras; tal se mostra um individuo n'um mesmo dia, muitas vezes com um pequeno intervallo de uma disposição de espirito à outra!

Catholico ou protestante, crente ou sceptico em face dos homens, tem em casa outra religião, outras ideias completamente differentes das que expendeu e sustentou EXTRA MUROS.

D'esses factos é que o vulgo, esse observador que raras vezes se engana, tirou a seguinte phrase que oppõe a elogios feitos a homens cujos defeitos desapparecem occultos pelas boas qualidades de que sabem aureolar seu nome:

MORA COM ELLE!

B.

Pleno dominio

Todo o espaço que minh'alma abria
às scismas, ao delirio, à claridade
dos ideaes da feiticeira idade
onde se espraia a doida phantazia;

todo esse espaço enorme onde vivia
a aspiração de glorias, a vontade
de subir, triumphar — e onde cabia
todo o sonhar feliz da mocidade.

sinto pequeno e estreito, e suffocante,
para os fortes ardores da expansão
do meu amor audaz, febricitante...

E elle... os impetos doma da paixão
porque receia — o tímido gigante —
despedaçar-me o peito e o coração...

JORGE RODRIGUES.

MULHER !...

(ROMANCE Á LA MINUTE)

I

E se de todo não quizeres esposar-me, Luiz, suicido-me, ouviste? Porque eu te amo, querido, amo-te com todas as forças de minh'alma...

— Juras-m'ó?

— Pela santa memoria de minha mãe...

Acreditas?

— E poderia ainda duvidar?

II

Corria o baile.

Os walsistas deliravam. Tocava ao auge o entusiasmo, com todos os seus caprichos, com todas as suas loucuras.

Na walsa:

— Ainda?

— Sempre! respondeu ella, apaixonada e tremula.

Elle sorriu satisfeito, e partio.

III

Aquella noite sonhou com o céu. O luar beijava as areias prateadas. O mar exalava na praia languidos queixumes.

Ella esperava-o ahí.

Alvo roupão cobria-lhe as formas voluptuosas.

Pela abertura do corpinho beijava-lhe indiscretamente um raio do luar os seios palpitantes.

Deram-se as mãos.

A noite se adiantava... Despediam-se.

IV

No galinheiro do major X. pa; d'ella, as gallinhas e os frangos desappareciam aos poucos.

— Os ladrões! os ladrões d'esta terra! Isto vai mal, bradou raivoso o velho millitar.

Toda a noite levam-me um sortimento, obtemperou a *majora*. Ainda hontem, aquella pedrez, que...

— Mas, hoje, hoje hão de vêr, os patifes... interrompeu ameaçador o valente official...

V

A'noite, no jardim.

Um sussurro de vozes vai se espalhando nos ares, como cicar de brisa fugitiva em franças de palmeira agreste.

— Meu anjo, de dia em dia o meu amor augmenta, recrudesceme a paixão terrível... e este aneio mata-me aos poucos.

— Ah! e eu... se tu soubesses! Já vivo tão triste... tanto:

.....

— Adeus, querida.

— Arthur, adeus!...

Saspiraram juntos, e separaram-se.

VI

No galinheiro começa um ruido surdo.

O major vai de manso.

Ao clarão dubio das estrellas, observa que um vulto suspeito amarra a um páo o resto dos granívoros, que o susto, por certo, emmudecera...

O major foi se esgueirando por detrás do gatuno.

— Péga!

Dous negros surgem e amarram a raposa de nova especie.

VII

Grande alvoroço.

Entram todos em casa. A *majora* vem assustada. A filha apparece tremula.

— Peguei-o! exclama triumphante o bravo millitar! peguei o bicho!

Vem luz.

Aproxima-se a mãe, depois a filha...

O larapio cora... empallidece... abaixa os olhos... confunde-se!

— Ah!... geme a pobre mocinha, desmaiando.

VIII

O larapio era elle.

C.

LAMBREQUINS

NUM TRIBUNAL

— A testemunha sabe dizer como começou a desordem?

— Foi assim, Sr. juiz: o réo gritava: — sucia de imbecis, canalhas...

— Advirto a testemunha, que de ve dirigir-se aos Srs jurados.

As francezas têm o olhar mais bonito do que os olhos, o sorriso mais gracioso do que a bocca, o gesto mais elegante do que a mão.

Uma taboleta:

Pereira [dentista] extrahe [raizes] com perfeição e dentes.

— Francisco, procure o chapeu deste senhor.

— Espera... encontrei-o. Como demonio cahio elle atraz do repositiro! Previne o creado que não procure [mais].

— Deixal-o. Se por acaso o encontrar fico com dous.

— Lê-se este artigo no regulamento de um cemiterio municipal:

« Sem previa licença das autoridades não serão sepultados no cemiterio defuntos residentes em outros municipios. »

Escrevi um artigo originalissimo, sobre assumpto que ainda ninguem se lembrou de escrever, nem lembrará!...

— Então já sei: é o teu elogio.

CORRESPONDENCIA

SR. LOPES DE AGUIAR.—Pela modestia de sua carta e pelo seu so-

neto *Nupcias* percebe-se que o Sr. tem talento. Entretanto, a sua producção apresenta muitos defeitos, como é natural, desde que é a primeira, conforme o Sr. diz. Pois que exige o nosso juizo, ahi vai com toda a franqueza da sinceridade. Assim lhe seja elle de algum proveito.

Começemos pela primeira quadra.

*Nas dobras fofas de teu véo gentil
Pallida noiva, divinal e mesta*

O Sr. faz ahi ponto e não conclue o arranjo grammatical do periodo.

Nas dobras fofas do véo gentil da pallida noiva o que ha, afinal de contas? Ficamos por saber e, no entanto, é preciso que o Sr. nos diga.

O 3º verso:

Em tua candida fronte honesta

está chôcho, alem de incorrecto.

No 4º.

Brilha a grinalda de jasmims de Abril

achamos uma cousa exquêsita. E' sabido que as noivas levam na frente flôres de laranjeira e não podemos acreditar que para o Sr. Lopes flores de laranjeira sejam o mesmo que jasmims de Abril.

Na 2ª quadra:

*As borboletas voltejando às mil,
Tornam mais bella do noivado a festa.*

Mas, então porque magica, Sr. Lopes, por que artes do demo a noiva conseguiu que as borboletas viessem ás mil assistir-lhe ao casorio, talvez mesmo que sem o convite respectivo? Seria um epigrama da natureza?

Ou foi paranympho o Herman prestidigitador, que quiz deitar uma sorte para dar á festa um novo encanto? Porque o Sr. não pode negar que isto é uma novidade, tomar parte em festim de nupcias uma sucia de borboletas vadias, que haviam de estar alli a desmanchar o penteado das convidadas faceiras.

O terceiro verso tem um

... jovial e lesta,

que não sôa nada bem aos ouvidos.

Ruínas

(A JORGE RODRIGUES)

Cobre uma nuvem tetrica, sombria,
meus horisontes fulgidos de outr'ora:
já não me inundo em ondas de alegria
ao despontar da seductora aurora...

Tudo recebo em paz serena e fria,
paz de quem ri chorando e rindo chora:
para amanhã não tenho uma utopia,
de hontem não guardo uma lembrança
agora

Onde te occultas, pomba da esperança?
e me deixam todos, desolado,
neste lethargo frio, que me cança!...

Luz! dá-me luz, que perde-se no escuro
nosso ridente e lucido passado
e o roteiro brilhante do futuro!

Juiz de Fora, 85.

SILVA TAVARES.

Morte ao tempo

Tong-Kong Sing, summamente
agradecido ás pessoas que o
honraram com as suas decifrações
certas e... erradas, *faltaria ao
mais sagrado dos deveres*, si não
viesses hoje significar-lhes a sua pro-
funda gratidão, apresentando o re-
sultado do pleito.

As decifrações das questões do
numero passado são as seguintes;
Do logogrypho — Spectroscopio;
da charada em quadro:

M A L A,
A M O R,
L O T E,
A R E A,

das novissimas: — Apostolo, Bisca,
Periodico e Serpente; da pergun-
ta, — Verruma.

Decifraram-nas: a Exma. Srna.
D. Faustina Capanema e os Srs. Dr.
Moreira Mourão e Frederico Sal-
gado, de Barbacena. O Snr. Dr.
Candido de Moura deixou de de-
cifrar apenas a charada em quadro.
O Snr. Francisco Honorio d'Olivei-
ra levaria um dos premios sinão
tivesse, como elle mesmo disse, pas-

sado pela pergunta como gato por
brasas.

Fez bem, entretanto, porque po-
dia ferir-se, pois era uma *verru-
ma!*

O Snr. Jono Dêre, que é muito co-
nhecido entre nós sem calembourg,
nada decifrou por se ter engana-
do o typographo em duas letras *ape-
nas*: o algarismo-12- em lugar de 1
e 2, e a ausencia de um P no logo-
grypho. E' ter muita perspicacia!

Quanto ao logogrypho, que nos
envia, não o publicamos, porque se-
ria preciso modificá-lo, e as susce-
ptibilidades o amor proprio, etc. . .

Contra o que diz a Biblia, os últi-
mos não foram os primeiros.

Assim, só conseguiram os pre-
mios: o 1º — a Exma. Srna. D.
Faustina Capanema; e o segundo
o Snr. Dr. Moreira Mourão.

Para hoje temos:

LOGOGRYPHO

(Por letras)

Na musica 9-8
Na musica 13-10
Na musica 5-4
Na musica 3-6
Na musica 9-15-8
Na musica 2-7-4-2
Na musica 1-8-13-8
Na musica 7-2-12-14-1-2

Eis o nome todo inteiro
De um poeta brasileiro.

Inauguramos hoje — as telegraphi-
cas — systhema de charadas, devido
á invenção de um bahiano, segundo
nos diz D. Pastel, nosso collega d'A
Semana.

Exemplifiquemos:

Supponha-se que a charada a de-
cifrar-se seja — *Pirata é fructa 3.*

Vê-se que a palavra da decifração é
uma fructa e consta de tres syllabas.
Divide-se a palavra Pirata nas tres
syllabas que a compõem e por baixo
de cada uma d'ellas escreve-se uma
syllaba, de modo que cada syllaba
superior unida á inferior correspon-
dente forme um *substantivo* qualquer.

Da reunião das syllabas da linha
inferior resultará a decifração.

Vejamos:

PI RA TA
A MO RA

Comprehenderam? Então, traba-
lhem n'estas:

Calote é trapaca — 3
Suspiro doe — 3
Pipoca cheira? — 3

Um bom premio ao — *primus inter
pares.*

TONG KONG SING.

Sorpresa

Foi uma cousa nunca vista.
O *velho* chegou e a casa estava
uma revolução terrivel, assusta-
dora.

Por toda a parte cortes de ves-
tidos, peças de morim, gravatas,
cadarços, fitas, *bibelots*, o diabo!

— Mas, senhora, o que é isto?

Nossa casa transformou-se em
armariobo? Afinal de contas, eu
quero saber o que vem a dizer
esta balburdia.

— Não te amofines, Lulú. Não
custarei a relatar-te minuciosamen-
te o que isto é. Lembra-te que a
Maricota falou-me que é d'aqui a
quinze dias a *festa*.

Tu sabes que nós estamos obri-
gados a ir. Lembra-te que o dr.
Chiquinho empenhou-se conosco
e...

— Tã, ta, ta, si dás corda á
lingua, não ha ouvido que resista
á vigesima parte do teu discursar
sem conta. Explica-me o caso e é
quanto basta.

— Pois bem, sahi pela manhã, re-
solvida a percorrer todos os estabe-
lecimentos commerciaes da cidade
em busca de um vestido que me
agradasse e... entrei em casa
dos...

— De quem?

— Dos Snrs Muller & Irmão.

— Que abysmo! E lá compraste
tudo... tudo isto? Tu me fazes
arrebentar a bolsa, já que não te-
nhos coragem de arrebentar a ca-
beça!

— Deixa-te de tolices. Olha, os
Snrs Müller & Irmão são irresisti-
veis. Comprei tres vestidos, duas
peças de morim cambraia, tres
d'este outro, duas gravatas para
os meninos e...

— Basta! Basta! E quanto...
quanto... custou isto tudo?

— Vinte e dous mil trezentos e
cincoenta e quatro reis!

— Só? Oh! tu és o ideal das es-
posas e os Snrs Muller & Irmão
o ideal dos commerciantes!

DR. RÉCLAME

O DOMINGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade e Redacção de Jorge Rodrigues e José Braga

Preço da assignatura :

Para a cidade--6\$ por anno; 3\$ -- por semestre.
Para fóra só se acceptam assignaturas por anno--6\$.
Numero avulso 200 reis.

A typographia d'O DOMINGO, dispondo de um material novo e escolhido propõe-se a fazer qualquer trabalho avulso com promptidão, nitidez e modicidade de preços.

Escriptorio, administração e officinas

54-RUA DO DUQUE DE CAXIAS-54

AVULSOS

VERSOS DE

JORGE RODRIGUES

Vende-se nesta typographia a 2\$000 o volume

PHARMACIA CONFIANÇA

DE

Antonio Candido Martins de Alvarenga

7 RUA MUNICIPAL 7

S. JOÃO D'EL-REI

Carlos Augusto Ribeiro de Campos

ADVOGADO

S. JOÃO D'EL-REI

LOTÉRIAS

VENDEM-SE EM CASA

DE

JOÃO BAPTISTA CARNEIRO

BILHETES DE TODAS AS LOTÉRIAS

DO

IMPERIO